



A formação política da juventude: A experiência do Assentamento Palmares-MA

Francinalda Araujo e Silva¹

Elisa Maria Andrade Brisola²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência da juventude do assentamento Palmares-MA e a formação política proporcionada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) resultante de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais do Programa de Pós Graduação da Universidade de Taubaté. Analisa as contribuições das práticas sociais desenvolvidas no assentamento com vistas à formação política dos jovens assentados e a construção da identidade Sem Terra. As categorias teóricas desse estudo foram examinadas a partir das contribuições de Arroyo; Caldart; Molina, (2004), Pizzeta (2007; 2004), Bogo (2007; 1999), Stédile; Fernandes (2012) Telles (1999), Castro (2009; 2006) entre outros. Nos achados da pesquisa constatou-se a partir da análise das práticas sociais vivenciadas no interior do assentamento, a percepção dos jovens assentados sobre a influência dessa formação em suas vidas e nas formas de intervenção na realidade. Depreende-se que os jovens se percebem como sujeitos de direito, e continuam na luta para garantir a permanência no campo, além de consolidar o sentimento de pertencimento ao MST e à comunidade na qual vivem.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (UNITAU). End.: Rua Visconde do Rio Branco, 210, Centro, Taubaté-SP - Brasil - CEP 12020-040. E-mail: francinalda.araujo@hotmail.com.

² Docente do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté (UNITAU). E-mail: elisabrisola@uol.com.br
Recebimento: 15/10/2013 • Aceite: 04/12/2013

Palavras-chave: Juventude do campo. Formação política. Identidade. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

The youth formation policy: the experience of settlement Palmares-MA

Abstract

This paper aims to reflect on the experience of youth of the settlement Palmares-MA and policy formation provided by the Movement of Landless Rural Workers (MST) resulting from a survey conducted in Masters in Human Development: Formation, Policies and Social Practices of Graduate Program, Universidade de Taubaté. It analyzes the contributions of social practices developed in the settlement aimed at the policy formation of the young settlers and identity construction Landless. Theoretical categories of this study were examined from the contributions of Arroyo; Caldart; Molina (2004), Pizzeta (2007, 2004), Bogo (2007, 1999), Stédile; Fernandes (2012) Telles (1999), Castro (2009, 2006) among others. The findings of the research it was found from the analysis of social practices experienced within the settlement, the perception of young people seated on the influence of such training in their lives and the forms of intervention in reality. It appears that young people perceive themselves as subjects of law, and continue to fight to ensure the permanence in the field, as well as consolidate the feeling of belonging to the MST and the community in which they live.

Keywords: Rural youth. Policy formation. Identity. Movement of Landless Rural Workers.

Introdução

Este trabalho de pesquisa discute a experiência da juventude do assentamento Palmares-MA, sobretudo a formação política proporcionada pelo MST. Como se sabe, ao longo de sua trajetória de luta, o MST tem priorizado a formação política da juventude. A princípio, compreender o lugar que a juventude ocupa no MST, exige investigar como os jovens, a partir do

conjunto das experiências vividas no Movimento, tem se apropriado da visão de mundo defendida pelo Movimento necessária à compreensão do contexto da sociedade contemporânea e das lutas de classes que dela advém.

Nessa perspectiva, o MST investe na formação de um novo jeito de ser humano capaz de tomar posição frente às questões de seu tempo, construindo valores que fortaleçam e deem identidade aos lutadores do povo, de todos os tempos, todos os lugares (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004).

O cenário desta pesquisa foi o Assentamento Palmares, localizado na zona rural de Nina Rodrigues, a 18 km da sede, um dos 217 municípios que formam o estado do Maranhão. O município está situado na mesorregião norte maranhense e compõe a microrregião Itapecuru-Mirim. Possui uma área territorial de 552,4 km², com altitude de 15 m. Limita-se ao norte, com a cidade de Morros; ao sul, com Vargem Grande; a leste, com São Benedito do Rio Preto e a oeste com Presidente Vargas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o município de Nina Rodrigues registrou no último Censo (2010) 12.464 habitantes. Desse total, 4.439 estão na zona urbana e 8.025 na zona rural apresentando, portanto, característica predominantemente rural.

Nesse século XXI, fortemente marcado pelo ritmo acelerado das mudanças nos campos social, econômico, político e cultural, ao estudar a vida dos jovens num determinado espaço social não se pode prescindir da análise sobre as determinantes e inevitáveis influências do mundo exterior na vida das comunidades. Isso demanda dos sujeitos uma postura crítica visto que todos os aspectos da vida humana são afetados por esses processos e sua própria identidade cultural é constantemente relativizada diante do vendaval de transformações por que passa seu meio.

O jovem assentado, como se sabe, não vive no isolamento, ao contrário, dialoga com sujeitos de diferentes culturas acionando diversas estratégias para assegurar o direito de permanecer no campo como trabalhador e cidadão. Nessa luta, defende também sua identidade histórica e cultural e a própria continuidade da existência das comunidades.

A pesquisa tem natureza qualitativa e foi realizada por meio de estudo de caso com enfoque etnográfico. Para coleta de dados utilizou-se observação direta, pesquisa documental, grupo focal com 7 (sete) jovens, homens e mulheres, na faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos residentes no assentamento Palmares e que participaram das ações de formação política proporcionada pelo MST, e entrevistas com 3(três) lideranças do assentamento. Para analisar os dados obtidos, recorreu-se à triangulação, correlacionando os princípios político-pedagógicos que dão sustentação à formação política no MST, a partir das narrativas obtidas no grupo focal e nas entrevistas. Nesse artigo os jovens serão referidos pela inicial [J] e as lideranças por [L].

Perfil dos jovens do assentamento Palmares-MA

Conforme dados coletados a totalidade (7) dos jovens encontra-se na faixa etária compreendida entre 18 e 24 anos e mora no assentamento Palmares. Desses 4 (quatro) são do sexo feminino e 3 (três) do masculino. A maioria (6) é solteira, apenas 1 (um) é casado.

Todos estavam cursando o ensino superior e participaram de atividades de formação promovidas pelo MST; Esses dados referentes à escolaridade podem ser considerados elevados para o contexto rural, entretanto não devem ser generalizados, pois expressam a seleção feita pela pesquisadora que identificou os jovens participantes do processo de formação no MST; Em relação às atividades de trabalho, 3 (três) desses jovens declararam não trabalhar, 4 (quatro) assumiram desenvolver atividade remunerada temporária ou permanente.

Todos os jovens fazem parte da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do assentamento Palmares ligada ao MST; dos 3 (três) jovens que se declararam beneficiários de programas sociais 1 é beneficiário do Programa Bolsa Família e 2 (dois) são beneficiários do Programa Universidade para Todos (PROUNI), 4 (quatro) declararam não serem beneficiário; de todos os

jovens participantes, 2 (dois) revelaram ter participado de cursos informais sendo que 1 (um) desses participou, também, de cursos formais, 3 (três) afirmaram ter participado de Encontro Sem Terrinha, 3 (três) participaram de Encontros de Formação de Militantes, sendo que 1 (um) participou da Escola de Formação Nacional e do Curso de Magistério de Nível Médio promovido por meio de parceria do MST, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e o INCRA, e outro declarou ter participado de Encontros Regionais de Formação; dos jovens que declararam participarem de algum projeto/grupo no assentamento, 5 (cinco) participam do Grupo de Jovens ligado à Igreja Católica, 1(um) participa do Grupo das Margaridas e 1(um) declarou não fazer parte de projeto ou grupo específico.

É importante lembrar que embora o nível de escolaridade³ tenha aumentado nos últimos dez anos como mostra o *Censo de 2010* (IBGE), ainda, há muito que ser feito para que a educação alcance o patamar desejado pelo Movimento e pelo país.

A formação política no MST

A sociedade contemporânea registrou desde o final do século XIX profundas transformações no mundo capitalista provocadas pelas revoluções industriais e tecnológicas de maneira paradoxal, pois se de um lado promovem o desenvolvimento, por outro, contraditoriamente reforçam a expropriação da classe trabalhadora. Nesse contexto, “as forças revolucionárias dos trabalhadores respondem construindo sua resistência em vários campos da luta entre os quais o da formação política para a preparação de quadros para o enfrentamento de classes” (SOUSA, 2005, p. 5).

³O nível de instrução da população aumentou: na população de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução, de 2000 para 2010, o percentual de pessoas sem instrução ou com o fundamental incompleto caiu de 65,1% para 50,2%; já o de pessoas com pelo menos o curso superior completo aumentou de 4,4% para 7,9%.

De 2000 para 2010, o percentual de jovens que não frequentavam escola na faixa de 7 a 14 anos de idade caiu de 5,5% para 3,1%. As maiores quedas ocorreram nas Regiões Norte (de 11,2% para 5,6%, que ainda é o maior percentual entre as regiões) e Nordeste (de 7,1% para 3,2%).

Nessa perspectiva, é importante entender a formação política no âmbito da dinâmica da luta de classes no momento atual e, a partir dessas contradições, compreendê-las no intuito de intervir e transformá-las.

Isso exige compreender as contradições existentes na sociedade capitalista no que se refere à relação capital e trabalho, categorias fundantes do Modo de Produção Capitalista (MPC).

O termo capital tem sido utilizado de diversas formas, seja se referindo ao humano, social ou intelectual. Entretanto, no MPC deve-se considerar duas dimensões fundamentais: a determinação econômico-política onde o capital “constitui-se [...] a partir de um processo que *valoriza* o dinheiro, isto é, um processo que no final conclui com um valor superior ao inicial”, produzindo assim, a mais valia pelo trabalhador que é apropriada pelo capitalista valorizando o dinheiro e transformando-o em capital; e uma relação social determinada, na qual o capital expressa uma relação de compra e venda entre o capitalista (proprietário do capital) e o trabalhador (possuidor da força de trabalho) onde o resultado é uma relação de exploração sustentada na apropriação, pelo capitalista, do excedente produzido pelo trabalhador, criando a mais valia. (MONTAÑO; DURIGETTO, 2011, p.77-78, grifo do autor).

Ainda segundo Montañó e Durigetto (2011, p.81), na sociedade capitalista “quanto maior desenvolvimento, maior acumulação de capital”. Desse modo, “o desenvolvimento no capitalismo não promove maior distribuição de riqueza, mas maior concentração de capital, portanto, maior empobrecimento [...], ou seja, maior desigualdade” (MONTAÑO; DURIGETTO, 2011, p.81).

Essas desigualdades as quais o autor se refere são oriundas das relações do modo de produção capitalista onde o “trabalhador precisa vender sua força de trabalho ao capitalista, estabelecendo uma relação de emprego, uma relação salarial” (MONTAÑO; DURIGETTO, 2011, p.81). Decorre, portanto, dessa relação entre capital e trabalho, a situação de pobreza como resultado da acumulação privada de capital mediante a exploração da força de trabalho pelos donos do capital.

Nesse contexto, as lutas de classe emergem como “o instrumento que o trabalhador tem tido para diminuir essa desigualdade ora conquistando leis e normas que regulem a relação salarial, ora inibindo relativamente o poder do capital” (MONTAÑO; DURIGETTO, 2011, p.81).

No que se refere à luta de classe nas palavras de Lenin (2008, p.24),

Todo o mundo sabe que, em qualquer sociedade, as aspirações de alguns dos seus membros se chocam com as de outros, que a vida social é plena de contradições, que a história nos revela uma luta entre povos e sociedades, [...] mostra uma sucessão de períodos de revolução e de reação, de paz e de guerra, de estagnação e de rápido progresso ou de decadência. (LENIN, 2008, p.24)

Segundo Marx “a sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Não mais fez do que substituir por novas classes, por novas condições de opressão, por novas formas de luta, as dos tempos passados” (MARX e ENGELS, 1998, p. 9).

No contexto contemporâneo a luta de classes, no que tange aos trabalhadores rurais se agrava na medida em que a perspectiva da modernização da agricultura no campo promove o desemprego e a pauperização submetendo grande parte da população do campo a migrar para a cidade (Lenin, 2008) e se expande o agronegócio.

É nesse contexto que o MST conquista espaço como movimento de massa (MST, 2001, p. 107) “resultado de um amplo trabalho de base, de conscientização e de preparação de lideranças” que articulado ao trabalho de organização e formação de militantes impulsionou as mobilizações por meio de ocupações e acampamentos dando visibilidade ao Movimento e aumentando a demanda pela formação de quadros.

De certo, a formação política tem sido uma tarefa necessária na história do MST com vista ao enfrentamento da luta de classes. A esse respeito Pizzeta (2007a, p. 242) diz,

Desde a origem, no final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século XX, o MST tem se defrontado com a necessidade de garantir um amplo processo de formação política para o seu quadro de militantes, desde a base

acampada e assentada até seus dirigentes nacionais, com vistas a possibilitar a unidade política e ideológica, o desenvolvimento da consciência política-organizativa e a superação dos desafios impostos pela realidade (PIZZETA, 2007a, p. 242).

A partir do que diz o autor depreende-se que no MST, desde sua criação, sempre esteve presente a preocupação com a formação de lideranças de base, militantes e dirigentes. Desse modo, “com o objetivo de ser um movimento autônomo e independente política e ideologicamente [...] o MST elabora uma concepção de formação, adaptada às suas demandas e características”. (MST, 2001, p. 108).

De forma sempre dinâmica são definidas as suas Linhas Políticas da Formação que orientam o processo nos diferentes níveis. Conforme Bogo (2003, p. 182) descreve.

A formação deve ser um processo permanente, para assimilar os objetivos e capacitar a militância, para intervir na realidade em que vive para transformá-la; o ponto de partida da formação deve ser a prática social. A partir dela, ter acesso à teoria para que esta possibilite compreender, orientar e corrigir, voltando à prática, construindo assim um movimento permanente prática-teoria-prática; além de contribuir com o desenvolvimento da prática, a formação tem por objetivo desenvolver e garantir a unidade política e ideológica do MST; o processo de formação deve refletir e construir uma ética revolucionária no comportamento dos militantes, baseada no amor à causa do povo, no companheirismo, disciplina, honestidade, responsabilidade, crítica e autocrítica, solidariedade, corrigir e eliminar vícios, dedicação à causa e à organização; os programas de formação devem incluir trabalho prático e teórico e desenvolver a mística, a disciplina e a emulação; os cursos de formação devem garantir o domínio de conhecimentos científicos, resultarem em firmeza ideológica dar embasamento metodológico para que os militantes tenham capacidade de reproduzir conhecimentos e contribuir para a organicidade do MST. (BOGO, 2003, p. 182).

Nesse sentido, a formação política envolve diferentes momentos e se constrói no cotidiano das lutas com vista à construção de um projeto contra hegemônico que promova as mudanças sociais necessárias à classe

trabalhadora. Para tanto, o processo de formação deve atender aos diferentes níveis da organização seja a base, militantes e dirigentes, ser massiva, completa e permanente e se desenvolver no interior das diversas atividades realizadas como reuniões, assembleias, mobilizações, encontros, seminários, leituras individuais, cursos, trocas de experiências, visitas de estudos, não se restringindo aos cursos de formação (MST, 2001).

Na mesma direção, converge o pensamento de Martins (2009, p. 48) segundo a qual o MST ao fazer parte de uma sociedade de classes e lutando contra ela “educa as novas gerações, procurando constituí-las como sujeito político e histórico e participante da construção de uma ‘contra hegemonia’”.

Pizzeta (2007b, p. 86, grifo do autor), destaca a formação como parte da luta de classes existente a partir de uma realidade concreta, devendo contribuir “para o ‘desvelamento’, para a interpretação e para o conhecimento dessa realidade que está além das aparências”. O autor destaca, ainda, que o conhecimento da realidade não é suficiente se não estiver acompanhado por ações concretas.

Dessa maneira, o processo de formação deve ser capaz de transformar as pessoas e a realidade. Portanto, a formação “só tem sentido se ajudar a organizar o povo, pois a força da mudança está no nível de consciência, no grau de organização e na disposição de luta das massas” (PIZZETA, 2007b, p. 87). E acrescenta que “a principal tarefa da formação é motivar para que os silenciados saiam de seu silêncio, que os dominados aceitem sair da dominação através da luta” (PIZZETA, 2007b, p. 87).

Nesse sentido, a formação política tem lugar no MST desde os primeiros acampamentos, quando os trabalhadores se reuniam em assembleias para discutir seus problemas em busca de soluções. Esses momentos eram marcados por discussões no tocante as questões como a reforma agrária, a luta pela terra, por liberdade e igualdade de direitos. Na medida em que essas discussões foram se sedimentando adquiriram um caráter mais formal e passaram a ser organizadas em cursos de formação, surgindo, assim, o setor

de formação responsável por articular a formação política de seus militantes e simpatizantes também chamados “amigos do MST” (PIZZETA, 2004).

Entretanto, cabe ressaltar que o processo de formação política não é tarefa apenas do setor de formação, mas todo o conjunto da organização deve assumir essa responsabilidade. De modo que “todos os militantes e dirigentes devem ser formadores de base e de novos militantes por intermédio de sua práxis” (MST, 2001, p. 111) aqui entendida como discurso e prática política-organizativa.

Por outro lado, os coletivos de formação, constituídos de quadros formadores devem proporcionar boa capacidade teórica, boa capacidade pedagógica e vinculação com a prática da organização.

No capítulo de apresentação da obra “A política de formação de quadros” Bogo (2007, p. 8-9) enfatiza a necessidade de organizar uma estrutura de quadros que permeasse o movimento de massa. Ele diz:

Como fumaça que anunciava os acampamentos, surgiram os setores atuantes nas escolas, roças, cursos, saúde e comunicação e em centenas de círculos de direção. Era preciso aprender a dirigir para se reproduzir. Semear conhecimentos era tão importante quanto ocupar, resistir e produzir. [...] Era o raiar da formação. [...]

A concepção de formação política no MST “está ligada à formação da consciência política⁴ das pessoas que fazem parte de uma organização” (MST, 2001, p.112). Assim as relações que ocorrem em meio aos saberes universais, práticas e relações entre as classes sociais vão formando a consciência política dos grupos sociais.

A exemplo disso, Lenin (1986) assevera que a consciência da classe operária não se desenvolve.

[...] se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo abuso, toda manifestação de arbitrariedade, de opressão, quaisquer que sejam as classes atingidas [...] Se

⁴ A consciência política é formada por duas dimensões: a social e a política. A consciência social é formada pela convivência social e experiência pessoal por meio das relações sociais. A consciência política forma-se a partir da apropriação de conhecimentos científicos produzidos através de pesquisas científicas.

não aprenderem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande atualidade, para observar cada uma das classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade e da vida de todas as classes, categorias e grupos da população. (LENIN, 1986, p. 55 apud MST, 2001, p. 115 -116).

A referência a Lenin é importante, pois revela que a consciência política se processa de forma planejada de modo a possibilitar uma reação de indignação diante das situações de exploração alimentada por uma lógica socialista.

Bogo (2007, p. 74) diz ainda, que para Che Guevara “o quadro é a coluna vertebral da organização” e está ligada aos demais membros do corpo de forma vital, interdependente. Por analogia extrai-se a compreensão de que são os militantes que fazem o corpo da organização se movimentar.

Nesse sentido a formação política é para o MST a força mobilizadora da organização da base, dos militantes e dirigentes. Faz-se, portanto, necessário compreender o caráter e a natureza do processo de formação do MST a serem desenvolvidos.

Segundo Pizetta (2007b), a formação precisa ser entendida como um conceito de política, assim sendo, vinculada à luta de classes e ao objetivo de transformação social; a formação deve articular a experiência pessoal com a experiência da classe trabalhadora; a prática política e organizativa se constitui fundamental para o desenvolvimento e crescimento político dos militantes; os métodos de formação precisam ser criativos, coletivos, alegres e abertos à participação de todos; a formação deve cultivar a mística; é preciso levar em conta nas atividades de formação – teoria e prática – os aspectos da razão e da emoção; a cultura e a afetividade devem ser elementos valorizados e respeitados; o trabalho de base constitui-se como instrumento pedagógico fundamental no processo de formação das massas; uma das estratégias do movimento deve ser o processo de formação da e com a juventude, devendo-

se encontrar formas de envolvê-la e motivá-la a participar nos processos de luta, organização e formação.

A proposta de formação política para preparação de quadros e de militantes deve ser ancorada nos princípios do marxismo, com todo o seu legado. Deve, ainda, incentivar e desenvolver o valor da solidariedade de classe e o internacionalismo⁵ e potencializar as estruturas de formação já conquistadas nos estados.

Nessa perspectiva, a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)⁶ emerge como um espaço de articulação das diversas iniciativas e experiências no âmbito dos estados como o propósito de “buscar uma maior unidade e qualificar essa práxis” (PIZETTA, 2007b, p. 246). Destinada à formação da classe trabalhadora, dos movimentos sociais e políticos na perspectiva de viabilizar a transformação social por meio do conhecimento e discussão das contradições da sociedade capitalista, subsidia a formação política do quadro de militantes e possibilita organizar o povo para a luta por uma sociedade de homens e mulheres livres.

A formação política oferecida no MST, segundo Santos (2007, p. 70), “é entendida como um processo que pressupõe uma relação direta entre a prática e a teoria, por isso visa uma ação transformadora, buscando formar homens e mulheres novos, sujeitos da história e construtores de uma nova sociedade”.

Por outro lado, a mística se constitui uma das marcas importantes sempre presentes no contexto da formação política do Movimento, é incorporada

⁵ Princípio da luta de classe em que todos os trabalhadores, todos os oprimidos, todos os pobres do mundo se identificam, e devem se unir para poder derrotar seus exploradores seja a nível local, nacional e internacional.

⁶ A Escola Nacional de Formação Política Florestan Fernandes situada na cidade de Guararema, a 60 quilômetros de São Paulo, (ENFF) foi construída pelo esforço voluntário dos militantes do MST. Constituiu-se uma contribuição inestimável para a formação de quadro do movimento revolucionário da América Latina. “Florestan Fernandes (1920-1995) foi um dos principais intelectuais socialistas brasileiros. Um dos maiores representantes da Sociologia Crítica. [...] produziu uma obra fértil e volumosa, na qual se destacam seus estudos sobre a formação social brasileira e, em particular, sobre os problemas da dominação burguesa e o caráter retrógrado da burguesia do país.” (KOHAN, 2007, 103).

“como uma prática social que faz com que as pessoas se sintam bem em participar da luta” (STÉDILE; FERNANDES, 2012).

Para o MST (2001) alguns elementos são fundantes na formação de um militante e que, portanto, todos os coletivos de formação devem considerar em sua proposta de formação política: a formação deve se dar pela prática, pela experiência, pela ciência, pela cultura, pela disciplina, pelo exemplo, pela convivência e partilha, pelo espírito de sacrifício, pelo trabalho produtivo e pela crítica e autocrítica. Para Bogó (2003, p. 183), “os militantes e os dirigentes devem ser a imagem e a semelhança da organização e vice-versa. Por isso devem ser exemplos vivos do que pensa, faz e quer alcançar o movimento”.

Houtart (2007, p. 55) destaca o imperativo da coerência entre a formação de quadros e a pedagogia do movimento vez que “o próprio movimento é o principal processo educativo”. Desse modo, ressalta os princípios que devem permear o processo de formação de quadro, a saber:

a) Uma perspectiva de conjunto, que significa dizer que nenhuma ação social dos indivíduos representa a totalidade de uma situação. Cada uma constitui parte de um conjunto. Se tomarmos como exemplo a percepção dos camponeses, vemos que ela está condicionada por um sistema socioeconômico no qual estão presentes muitos elementos. Trata-se de um todo que abarca desde as relações sociais, a cultura, a organização política, a dimensão de micro e de macro, até o papel específico de homens e mulheres; b) Se as ações sociais individuais não podem ser entendidas isoladamente, devemos acrescentar também que todas elas possuem uma dimensão histórica. No caso dos camponeses se trata da revolução das técnicas agrícolas, do desenvolvimento do capitalismo rural, da luta política entre os sujeitos sociais: os latifundiários e os camponeses; c) Uma terceira dimensão é o fato que toda realidade é dialética. Ela é sempre composta por sujeitos em interação. Quando os latifundiários mecanizam a agricultura, os camponeses excluídos reagem. Quando os camponeses se organizam, os latifundiários se utilizam de mecanismos jurídicos ou repressivos para defender seus interesses, etc. Esse processo dialético nunca termina [...]. Toda experiência que se define como o fim da história acaba em suas próprias contradições. (HOUTART, 2007, p. 55-56).

Desse modo, esses princípios têm consequência direta sobre o programa de formação de quadros, pois remete à necessidade de agregar ao conteúdo elementos como: economia política, que traz como primeira necessidade o estudo do funcionamento do capitalismo; a história social, nesse contexto, a história dos camponeses, a introdução do capitalismo agrário e dos movimentos camponeses no Brasil; uma perspectiva filosófica, ao mesmo tempo racional e dialética; e por fim o estudo dos efeitos da lógica do capitalismo no setor agrícola.

Para Houtart (2007, p. 63) também é importante na análise da realidade adotar uma pedagogia adequada para o que destaca a utilização do método “ver, julgar e agir”⁷ que inspirou o MST e consiste na “orientação que se deve seguir na formação de quadros”.

Aspecto relevante, também apontado pelo autor diz respeito à importância da cultura e da espiritualidade. Diz que “toda a experiência do MST tem sido global, incluindo a cultura como parte essencial da construção de sua ação” (HOUTART, 2007, p. 69) e afirma que um aspecto particular da cultura é a espiritualidade. Aqui entendida não como monopólio da igreja embora se compreenda que “as religiões podem contribuir com a motivação do compromisso social e revolucionário” (HOUTART, 2007, p. 69).

Nesse sentido, a experiência de formação no MST denota a influência exercida pela Teologia da Libertação e sua contribuição na luta por uma nova sociedade. De fato, segundo Fernandes (1999, p. 70) “as CEBs foram o lugar social onde os trabalhadores encontraram condições para se organizar e lutar contra as injustiças e por seus direitos”.

Sob a influência do movimento de renovação da Igreja pela Teologia da Libertação as CEBs começaram a criar novo espaço de socialização política, “deixam de ser apenas o lugar onde os fiéis iam à procura de paz para se

⁷ Método pedagógico proposto pela Juventude Operária Católica (JOC) fundada na Bélgica em 1940, pelo sacerdote Joseph Cardin. Atualmente é muito utilizado pela CNBB, nos trabalhos pastorais e no MST. Consiste em ver a realidade de modo crítico tendo como parâmetro os princípios cristãos baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo; julgar no sentido de confrontar a realidade a partir das causas e consequências da realidade observada; e o agir que exige comprometimento com uma ação transformadora da realidade.

tornar um espaço de reflexão e de opções pessoais e coletivas a respeito da vida” (FERNANDES, 1999, p. 70).

De acordo com Martins (2009, p. 149), “foi a Teologia da Libertação e a CPT que formou a primeira leva de militantes do MST”. Assim, à medida que atuava juntamente com as paróquias nas periferias das cidades e com as comunidades rurais a CPT contribuía na organização e na luta dos trabalhadores.

Nessa perspectiva, o processo de formação promovido pelo MST pressupõe-se vinculado à prática onde conhecer deve significar participar como sujeito na construção da luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social. (SANTOS, 2007)

Ser jovem do campo: a identidade Sem Terra

Na contemporaneidade a temática juventude tem ocupado lugar de relevo na agenda das discussões sobre as problemáticas sociais atuais, seja em seu envolvimento com a violência, seja pela ausência de projetos das novas gerações, dentre outros aspectos. No entanto, sem entrar nas polêmicas contemporâneas acerca da juventude importa compreender sob qual conceito se fundamenta para falar sobre juventude.

A partir da compreensão de juventude como categoria social historicamente construída, ressalta-se a necessidade de refletir sobre as experiências e práticas sociais que se desenvolvem no cotidiano do assentamento Palmares e as implicações decorrentes no processo de formação política da juventude. Para Oliveira (2009)

[...] as práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. (OLIVEIRA, 2009, p. 4).

Segundo Telles (1999, p.8) diante do dilema da “privação de direitos” de parcela da sociedade, a autora ver a “possibilidade da cidadania se enraizar nas práticas sociais”. Nesse sentido, depreende-se que as práticas sociais acontecem em espaço e tempo construídos pelos sujeitos que delas participam seja de forma consciente ou não. Fazem parte da história da humanidade, estão enraizadas nas culturas e visíveis nas relações que estruturam a organização da sociedade.

O que se entende a partir das considerações da autora é que a condição de sujeito assentado, suas práticas e modos de vida re(definem) os contextos de socialização, exigindo deles novos conhecimentos, nova postura e perspectivas que vão se confrontar com o caráter individualista e competitivo, particularidades da sociedade do capital.

As mudanças no modo de vida dos assentados são visivelmente identificadas na fala dos pesquisados, como apontado na narrativa a seguir:

Bom, muitas coisas mudaram. Anteriormente a juventude não se preocupava com a escolaridade. Eles tinham outra preocupação. Bem eu estou jovem vou procurar uma família e casar, constituir família. Hoje, a juventude se preocupa muito com a questão da escolaridade, da formação. E estão se propondo a ir além, fazer algumas críticas e perceber o assentamento como um espaço bom para viver e se aceitar como jovem do campo. [...] Não admitem mais que as pessoas utilizem frases pejorativas em relação aos jovens. Eles se assumem enquanto jovens do campo [...]. Eles assumiram uma identidade. Isso mudou muito a vida da juventude desta comunidade. [L2]

Conforme observado ao longo dessa pesquisa e posto em relevo na narrativa acima, para o Movimento a formação da juventude é prioridade. Cabe ressaltar, que não se trata apenas da formação política, visto que a concepção de formação defendida pelo MST deve permitir aos seus assentados – crianças, jovens e adultos – apropriar-se de uma visão de mundo necessária à compreensão do contexto da sociedade capitalista e suas contradições, bem como dos conflitos e lutas de classes que dela incide.

A juventude para o MST é de suma importância, porque a

gente compreende que a juventude é o presente e se tornará o futuro. Mediante o que nós queremos um futuro melhor. A juventude é muito procurada, muito assistida pelo movimento. Tanto é que nós temos os encontros de jovem, temos as jornadas da juventude, que são encontros de formação. Isso se dá a nível estadual e a nível regional. Assim também como os cursos de formação formal mesmo, a juventude é quem mais participa destes encontros. Então proporciona muito a questão da formação, porque serão eles os protagonistas da história daqui para frente.

[...]

Hoje nós temos jovem que estuda Agronomia, Ciências Agrárias, Filosofia, Letras, Pedagogia, Administração e que fazem cursos técnicos, como técnico agrícola. Agora vai uma turma de sete alunos para a Casa Familiar Rural, são estes espaços que a gente se preocupa com a juventude e ela vem dando resposta para a gente. Está se preparando para voltar para o campo, para que a gente possa realmente usufruir esse investimento, todos esses cursos.

[...]

A ideia é que o retorno desse investimento em formação seja ele ficar aqui, não é com a intenção que o jovem se profissionalize e busque outros caminhos. A ideia da profissionalização, do acesso ao conhecimento e ao saber, é que esses investimentos voltem para a própria comunidade, tanto é que já tem jovens, professores, nessa comunidade. Então os outros todos estão se propondo aquilo que for possível dentro das famílias. O que nós queremos é que esses jovens apliquem seus conhecimentos aqui dentro para toda a comunidade, porque isso vai ser bem mais fácil para viver e sobreviver dessa formação, dessa ideologia política e dessa forma de participação na sociedade. [L2]

Em estudo realizado por Castro (2009), para analisar a problemática social da migração da juventude do campo para cidade a autora, relaciona o paradoxo vivido pelo jovem “entre ficar e sair” do campo ao desinteresse e distanciamento do mundo rural por parte do próprio jovem. Por outro lado, destaca a atuação dos movimentos sociais rurais identificados como de juventude na tentativa de compreender o que faz o jovem querer permanecer no campo.

Ainda sobre a temática da migração, no artigo “Os jovens estão indo embora?: juventude rural e reforma agrária”, Castro (2006) destaca a existência de diversos trabalhos que apontam para a tendência da saída dos

jovens do campo rumo às cidades colocando no centro do debate atual a reversão do quadro de migração a partir das iniciativas dos assentamentos do Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

Uma das vertentes de discussões que se levanta acerca da migração campo cidade é que “a cidade é a referência para melhoria das condições econômicas no imaginário de grande parte dos jovens assentados” (LOURENÇO; SILVA; MOREIRA, 2011, p. 7).

O encantamento pela cidade resulta da ilusão propagada pela ideia de modernidade onde o esforço e a determinação pessoal possibilita acesso a um bom emprego, a uma vida mais confortável.

Na perspectiva de Bogo (1999), para o MST a precariedade das condições básicas de sobrevivência no campo, fatores que possibilitam satisfazer as necessidades humanas, pode justificar a migração do campo. Nesse sentido, aponta possíveis elementos para garantir a permanência da juventude nos assentamentos.

[...] se houver possibilidades de trabalhos que eleve a renda pessoal e familiar, se houver escola de boa qualidade desde o primário até a faculdade nos assentamentos ou próxima a eles, se houver alternativa de lazer que não seja apenas o jogo de futebol e os bailes tradicionais, se houver energia elétrica e possibilidade de adquirir eletrodomésticos, transporte, etc., certamente parte de nossa juventude permanecerá nos assentamentos. (BOGO, 1999, p.79).

A complexidade da discussão sobre o paradoxo enfrentado pelos jovens entre ficar ou sair se manifesta, inclusive, no interior do assentamento Palmares, revelada nas narrativas de seus jovens e lideranças.

Discutimos no 5º Congresso Nacional do MST, em 2007, sobre a importância da juventude. Como disse antes, [...] esse é um “gargalo”, porque a gente sabe a importância da juventude não só para o MST, mas para o mundo inteiro. Mas nós ainda não conseguimos manter nossa juventude nos assentamentos. Nossos assentamentos estão envelhecidos, estão ficando velhos, pois as políticas públicas oferecidas ainda não atendem as necessidades da juventude. Por isso, há uma evasão muito grande da

juventude nos assentamentos. Mas nós temos a compreensão de oferecer esses cursos para que a juventude possa ficar nos assentamento. Mas isso ainda é um “gargalo” que precisa ser resolvido dado à importância que tem a juventude para o MST. [L3]

Nessa perspectiva, Bogó (1999, p. 82) afirma que o MST “deve pertencer aos jovens por terem eles também mais energia, mais vontade e mais facilidade de aprender as coisas”. Esta observação corrobora com o que diz Sales (2006) ao afirmar que nos assentamentos depois da posse da terra, os adultos estão mais preocupados em fazer a terra produzir ficando a encargo dos mais jovens a militância e as questões ideológicas.

Aqui nós aprendemos à importância da luta, da escola, da família, da religião e da vida. É por isso, que a gente fala de tudo isso com muita propriedade, de querer ficar aqui, porque todos nós moramos aqui. Nascemos aqui, moramos aqui, ainda, e quebramos aquela ideia de que o povo do campo é um povo sem estudo, atrasado. Tanto é, que esse grupo que está aqui, todo mundo está fazendo um curso superior ou dois. Está se formando, saindo da universidade. [J2]

O que se entende a partir das narrativas e que Kolling, Nery e Molina (1999, p. 21) ratificam, é que “há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade”. Nesse contexto, situa-se o “modelo de desenvolvimento que vê o Brasil apenas como mais um *mercado emergente*, predominantemente urbano, onde camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção”. (KOLLING, NERY e MOLINA, 1999, p. 21, grifo do autor).

Entretanto, o que se observa no assentamento Palmares é uma inversão dessa lógica perversa e excludente visível na fala dos jovens assentados.

Então, o assentamento Palmares tem hoje no município o maior número de acadêmicos na zona rural, são vinte e três pessoas aqui distribuídas entre os cursos de Filosofia, Pedagogia, História, Administração, Letras e Ciências Agrárias e o pessoal que já formou em Magistério Superior. Esses vinte e três são só o que estão estudando, fora as

cinco ou seis pessoas que já são graduadas e até já se especializaram. Estamos quebrando essa lógica de que o jovem precisa deixar o campo para estudar. Para nós isso é orgulho local não tem o que dizer, a gente fica muito contente, muito feliz. Aqui só tem até a 8ª série, então todo mundo foi, fez o ensino médio e voltou. Outros fizeram o magistério regular normal e estão aqui, já são professores, estudaram nesta escola e hoje são professores dela. Outros que não são desta escola contribuem em outros povoados. Então para nós isso é muito bom, muito gratificante. É sinal de que gostamos daqui, porque a gente vai e volta. [J2]

Como se pode notar, os jovens revelam o orgulho de uma identidade coletiva, resultante das lutas e conquistas sociais construídas ao longo da trajetória de constituição do assentamento Palmares. Branco (2003) aponta resultados semelhantes no estudo realizado para investigar o processo de construção da identidade de jovens de um assentamento do MST, na Fazenda Ipanema, no estado de São Paulo.

O que se pode depreender dessa narrativa é que a juventude assentada do Palmares incorporou a preocupação do Movimento como a formação e busca também, pelo viés da educação formal, preparar as novas gerações para permanecer e transformar o campo.

O MST vê a juventude com preocupação, mas também com otimismo, com a preocupação que todo segmento tem com a juventude por conta do contexto social que a gente vive. [...] Concebe a juventude como as próximas lideranças, vê a juventude com outras perspectivas. Vê como os futuros dirigentes, as pessoas que vão comandar. E essa é uma preocupação todo dia na escola, na igreja, na assembleia. Eles são associados, participam do grupo de jovens, celebram e estão na escola. Então, esta preocupação toda a gente tem para que eles não fiquem naquela média dos jovens que não sabem de nada, que estão por está, que se vai pelo mundo das drogas. [...] Existe uma preocupação, mas existe também uma esperança da juventude ser as próximas lideranças. E com essa formação, ir mais além e permanecer no campo. A preocupação do MST é deixar o jovem no campo, mas com uma formação capaz de enfrentar os problemas sociais. [L3]

Segundo Oliver (2001, p.11) “um dos aspectos centrais do projeto de modernidade sempre foi o da emancipação humana. Se a modernidade técnica não estiver a serviço do bem-estar social e da conquista da cidadania plena, ela perde o sentido”. A emancipação da sociedade deve se manifestar na forma política da emancipação dos trabalhadores considerando que, para Marx (2004), somente a partir da qual estar ensejada a emancipação humana universal.

Considerando o que diz o autor, o MST, enquanto sujeito político e ideológico, investe na formação política dos jovens assentados como estratégia para assegurar a continuidade da luta pelas novas gerações de Sem Terra, sobretudo pela formação da consciência política alicerçada na relação direta entre a prática e a teoria visando uma ação transformadora.

Alguns saem em busca de trabalho, mas grande parte daqueles que saem são de famílias que tem pouca ligação com essa formação e que não estão tão preocupados quanto às outras famílias tem preocupação com a escolaridade. [L2]

No modo de ver da L2, os jovens do assentamento Palmares apresentam-se divididos no que se refere ao desejo de permanecerem ou não no campo e relaciona essa dicotomia as suas diferentes trajetórias e relações sociais.

Nós temos uma faixa de aproximadamente 15 jovens que fazem o ensino superior, outros fazem o ensino médio, mas queremos que eles permaneçam no campo e quando tem uma oportunidade de trabalho lá fora, mesmo assim eles estão lá, mas quando chegam eles se sentem como se não tivessem saído daqui. Então, quem tem essa preocupação está mais ligado a nossa associação, enquanto tem outros, [...] que não tem muito essa preocupação. Eles vão e quando chegam eles um pouco que desconhecem [...] o contexto. Então dá para fazer essa diferença, dessas duas preocupações. Eles têm uns que tem essas preocupações de ir embora, mas quando eles voltam, eles se sentem em casa com os mesmos valores, com os mesmos princípios. Infelizmente tem alguns outros pertencentes à outra associação que eles se vão atrás apenas de trabalho e quando voltam parece que estão em casa alheia, em casa estranha. Isso também é uma preocupação para gente. Isso nos faz ir a cada dia buscar

mais formação, integrar mais esses jovens nos cursos de formação para que eles não percam a sua identidade, permaneçam no campo com essas mesmas preocupações.
[L2]

Sobre esse aspecto, pode-se pontuar a diversidade de percepções entre jovens e lideranças no assentamento Palmares, o que reforça o desafio do MST em lutar por condições favoráveis à valorização, profissionalização e permanência do jovem no campo.

Considerações finais

Ficou evidente que o MST pode ser considerado um sujeito coletivo que forma seus jovens a partir de uma proposta de cunho político-ideológico baseada na garantia de direitos, deveres e da crítica necessária à compreensão do funcionamento da sociedade burguesa. Portanto, um projeto que se contrapõe aos interesses da sociedade capitalista.

A preocupação do MST com a formação política de suas bases, no assentamento Palmares, se evidenciou desde as ações desenvolvidas com as crianças na comunidade, quando da decisão de montar o acampamento, até os dias mais recentes. A constatação dos resultados desse processo pode ser confirmada a partir das narrativas dos jovens e lideranças participantes da pesquisa na qual declaram que atualmente, os Sem Terrinhas do início da organização são os professores na escola do assentamento e de outras comunidades, coordenadores de grupos de jovens, formadores de opinião participando dos diversos espaços de socialização da comunidade, contribuindo assim, para a continuidade das lutas e conquistas no assentamento.

Referências

BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

_____. **Arquitetos de sonhos**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

_____. **A formação de quadros: desafios e necessidades**. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **A política de formação de quadros**. Guararema, SP: ENFF, 2007.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. **Jovens sem-terra: identidade em movimento**. Curitiba: UFPR, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 2/2008. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/resolucao0208.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

_____. Ministério da Educação. **Elementos para um Plano Nacional de Educação do Campo**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <<http://www.portalmec.gov.br/secad>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e reforma agrária. Revista Proposta. Nº 107/108 dezembro 2005/ março 2006.

_____. et al. **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST: formação e territorialização em São Paulo**. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1999.

HOUTART, François. A formação de quadros e a ENFF. In: **A política de formação de quadros**. Guararema, SP: ENFF, p. 55-72, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadessat/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

KOLLING, E.; NERY, I.; MOLINA, M. C. (Org.) **Por Uma Educação Básica do Campo**.v.1. Brasília, DF, 1999.

LENIN, Vladimir. Karl Marx, Friedrich Engels, as três fontes e as três partes constitutivas do marxismo: carta a um camarada. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LOURENÇO, Nielson Polucena; SILVA, Aurea Régia Oliveira da; MOREIRA, Emília. **A luta pela consolidação de território(s) de esperança: o papel dos jovens na construção/consolidação dos assentamentos de reforma agrária na microrregião de Sapé-PB**, 2011.

MARTINS, Suely Aparecida. **A formação política da juventude do Movimento Sem terra no Estado do Paraná**. 2009. 283f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução J. Ranieri. Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. (Coleção leitura).

MONTAÑO, Carlos; DURIGUETTO, Maria Lúcia. **Estado, classe e movimento social**. 3. ed., São Paulo: Cortez, 2011.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Construindo o caminho**. São Paulo: Secretaria Nacional, 2001.

OLIVEIRA, Maria Waldenezde et. al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisas em espaços sociais. In: **32ª Reunião Anual da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: sociedade, cultura e educação: novas regulações?** 2009, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2009.

OLIVER, Ruben George. **Cultura e modernidade no Brasil**. São Paulo em perspectiva. São Paulo: [s.e], 2001.

PIZETTA, Adelar João. **A formação no/do MST: trajetória e desafios de um processo coletivo**. São Paulo, 2004. Texto impresso.

_____. **A formação política no MST: um processo em construção**. 2007a. Em OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Ano VIII, nº 22, septiembre. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal22/EMS22Pizetta.pdf>> Acesso em: 21/11/2012.

_____. **A formação de quadros políticos: elaboração teórica, experiências e atualidade**. In: ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES. **A política deformação de quadros**. Guararema, SP: ENFF, 2007b.

SANTOS, Esmeraldo Leal dos. **Juventude, formação política e identificação no MST**. Libertas, Juiz de Fora: edição especial, p.68 - 81, fev. 2007.

SOUSA, Maria Gorete de. **A formação de quadros políticos de esquerda**. 2005. 18f. Artigo (Especialização em Estudos Latino-Americanos). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, SP, 2005.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Perseu Abramo, 2012.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais: afinal do que se trata?** Belo Horizonte: UFMG, 1999.